

# 17 de abril - Todos à Brasília!

## Dia Nacional de Luta

### Contra as políticas neoliberais de FHC

*Em apoio ao MST e defesa da Reforma Agrária*

A Adunicamp vem se fazendo presente nas lutas entabuladas por setores da sociedade brasileira que rejeitam o projeto sóciopolítico engendrado pelo governo FHC, em obediência às deliberações do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, com vista à sedimentação do processo de globalização, hoje dominante no cenário mundial.

Neste momento, coloca-se em campo para somar-se às dezenas de milhares de cidadãos e cidadãs brasileiros que, ao lado de entidades representativas da classe trabalhadora, ocuparão a Esplanada do Ministério em Brasília, dando mostras inequívocas da capacidade de resistir a um projeto excludente e reforçador das injustiças e desigualdades sociais.

Dia 26 de março próximo passado, foi criado, na Unicamp, um Comitê Unificado de Apoio ao Movimento dos Sem Terra e em defesa da Reforma Agrária. Definiu-se por uma caravana à Brasília, com saída prevista para o dia 16 próximo, no final da tarde.

**A Adunicamp está colocando ônibus à disposição dos docentes que desejarem participar. Para tanto, basta contatar a secretaria da Adunicamp, pessoalmente ou através dos ramais 8152 e 7173, com Elena, até a tarde do dia 15, terça-feira.**

## FHC e a Reforma agrária

Em 23 de fevereiro p.p., a Folha de São Paulo publicou artigo assinado por **José Rainha Jr.**, sob o título acima. Por sua pertinência, entendemos por bem transcrevê-lo abaixo.

Em recente viagem ao exterior, o presidente foi falar das grandezas de nosso país. Certamente disse que o Brasil está bem, a democracia, consolidada, o real é a moeda mais forte do planeta, o povo está comendo mais, a inflação está controlada. Isso sem comentar as belezas de Fernando de Noronha, das praias, do Carnaval, das mulatas de Copacabana, de matas, fauna e flora.

O que nosso presidente não pensava e não sabe é que o povo da Europa não está preocupado somente com essas belezas do Brasil. Por isso, fizeram-lhe algumas perguntas até agora sem resposta: como está a reforma agrária? A punição dos assassinos de Eldorado do Carajás, bem como a dos seus mandantes? E Vigário Geral? Carandiru? Corumbiara? Candelária? Os meninos e meninas de rua? E os 11 milhões de desempregados? Os 42 milhões que passam fome? A violência urbana?

O presidente deu uma resposta curta e grossa: "Esse pessoal não conhece o Brasil". Agora sou eu quem pergunta, sr. presidente: quem não conhece são os europeus ou é Vossa Excelência?

Não tenho muito tempo de participação nas organizações sociais que lutam pela reforma agrária. A minha trajetória é do final dos anos 70, já no fim do regime militar. Mas, quando ouvi falar do sr., naquela época, tive admiração.

Vossa Excelência combatia o regime e buscava a democracia como forma de nosso povo ter liberdade, direito a um salário digno, sem fome, sem miséria.

Hoje o sr. é presidente, tem uma história muito mais longa do que a minha. O que aconteceu? O tempo o fez esquecer o passado, ou a democracia é meramente o povo ir às urnas e votar, manipulado pelos meios de comunicação?

Não consigo entender por que o sr. ataca o MST, uma organização social que luta pela terra, pela reforma agrária e pela democracia. Afinal, ocupar terras devolutas e improdutivas, que não cumprem sua função social, como está nos artigos 185 e 186 da nossa Constituição, é crime? Será que não é crime desrespeitá-la? Dizer que está fazendo a reforma agrária, que assentou 60 mil famílias em 96, quando o sr. sabe que, mesmo que as tivesse assentado, isso nada significaria diante da demanda?

Não é possível que o sr. não compreenda que a reforma agrária pela qual nós, do MST, lutamos está dentro da lei. Queremos o cumprimento da lei, e, quando ela só serve para favorecer os ricos e castigar os pobres, é de direito que os pequenos se rebelem.

O sr. sabe, também, que a reforma agrária não muda o caráter da sociedade de capitalismo para socialismo. O que não é crime é eu acreditar nos valores do socialismo.

Olha, presidente, o MST nunca teve o objetivo de perturbar a ordem e muito menos quer desestabilizar o governo. Disso o sr. tenha certeza. Nós somos um movimento que luta por terra e quer a reforma agrária como forma de consolidar a democracia. Não é possível dizer que existe democracia num país que tem uma estrutura fundiária concentradora como a nossa. Isso sem falar do trabalho escravo nas grandes fazendas do Pará, de Goiás etc.

O MST tem hoje amplo apoio da sociedade. Não são só os intelectuais da Europa que exigem reforma agrária e apóiam o MST.

Hoje a voz que clama nas ruas é a dos milhares de sem-terra que estão em marcha para Brasília, que caminharão mais de 1.000 km, protestando contra a lentidão da reforma agrária, exigindo punição dos mandantes e assassinos de Carajás, emprego e justiça social.

As vozes roucas estão no campo, nas ocupações, nos acampamentos, que somam mais de 50 mil famílias à beira das estradas, que clamam por um pedaço de terra para trabalhar e que a todo momento estão sendo perseguidas e assassinadas por aqueles que sustentam a tal reeleição e querem a privatização da Vale do Rio Doce.

Ter posição política contrária à do governo é democrático. O que não é democrático é um governo social-democrata querer incriminar um movimento social que reivindica os seus direitos.

Como Vossa Excelência sabe, 90% dos assentamentos realizados até hoje foram fruto de ocupações de terras e órgãos públicos, promovidas por trabalhadores sem terra. Isso demonstra que não são nem ilegais nem ilegítimas, como vosso governo está dizendo.

O MST só ocupa terra porque o governo não faz e não agiliza as desapropriações. Só ocupa o Incra porque as verbas para plantio e investimento não chegam aos assentados.

Nesse sentido, reafirmamos nossos objetivos de 1) assentar imediatamente todas as famílias de sem-terra acampadas; 2) obter a liberação de recursos suficientes para viabilizar os assentados e 3) punir os assassinos dos trabalhadores e os mandantes.

Esperamos da parte do governo vontade política de realizar a reforma agrária. E, assim sendo, passamos a crer que a democracia começa a acontecer, pelo menos no que diz respeito à democratização da propriedade da terra.

**José Rainha Jr.**, 38, agricultor, é membro da direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

## Adunicamp apóia exposição fotográfica internacional de Sebastião Salgado sobre o MST

Sob o título *Terra* estará se realizando no Centro de Convivência Cultural de Campinas, no período de 15 a 27 de abril, a exposição fotográfica sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Idealizada pelo fotógrafo Sebastião Salgado, a exposição, com 45 fotos documentais de sua autoria, tamanho poster, em branco e preto, está sendo difundida em forma de exposições simultâneas na América Latina, Europa, Estados Unidos, e Ásia.

Em Campinas, a exposição marcará a saída da Caravana Campineira que se integrará à *Marcha Nacional por Terra, Justiça e Desemprego* e que estará chegando em Brasília no dia 17, há exatamente um ano do massacre dos trabalhadores rurais do Pará.

A Adunicamp integra — juntamente com o Instituto de Artes da Unicamp, o STU, o DCE e a Secretaria Municipal de Cultura — o grupo de apoio à exposição, cuja montagem ficou sob a responsabilidade da Galeria de Arte da Unicamp/IA.

Durante o período da exposição estará sendo vendido o livro fotográfico *Terra* que traz texto de José Saramago introduzindo as 137 fotos que o compõem, além de um CD, nele encartado, com músicas inéditas de Chico Buarque de Holanda e uma nova versão de *Brejo da Cruz*. O valor obtido com a venda do livro será revertido em benefício do MST.

A Adunicamp fará circular pelo Campus, uma moção que buscará refletir a solidariedade da comunidade universitária ao MST.